

"CANÇÃO DO EXÍLIO" E SEUS INTERTEXTOS PORTUGUESES NO SÉCULO XIX

Artur Emilio Alarcon Vaz¹

O Romantismo - tanto português, como brasileiro - usou e abusou de poemas com o enfoque do exílio, e seu maior ícone é "Canção do exílio", de Gonçalves Dias², poema que, composto em 1843 e publicado em livro em 1846, tem sido um grande alvo de intertextualidade, de um ponto de vista seja brasileiro, seja português. Assim, vários autores valeram-se de dados básicos da canção de Gonçalves Dias ou simplesmente do tema do exílio para também idolatrar sua terra natal.

Na visão de Cláudio Cruz³, Caldre e Fião faz, numa nota de rodapé do seu romance *A divina pastora* (1847), o provável primeiro intertexto do texto de Gonçalves Dias, pois o poema "A noite da minha terra"⁴ é datado de 20 de novembro de 1845, antes portanto da publicação da "Canção do Exílio" em livro. Seus versos mostram um eu-lírico que ressalta as qualidades de Porto Alegre durante uma estadia no Rio de Janeiro através de um diálogo com a noite, no qual reflete sobre as diferenças desta em Porto Alegre ("lá") e em Niterói ("aqui").

Em oposição aos cantos desses brasileiros, dois autores portugueses, José Antônio da Rocha Galo (1852-1890)⁵ e João de Lemos (1819-1890), publicam poemas cujos sujeitos líricos idolatram Portugal durante seu exílio em terras estrangeiras, Brasil e Inglaterra, respectivamente.

¹ Professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestre em Literatura (UFSC), dlavaz@furg.br.

² DIAS, Gonçalves. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

³ CRUZ, Cláudio. O conceito de cor local no Romantismo brasileiro e a sua presença no romance *A divina pastora*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n° 99, p. 29-47, mar., 1995.

⁴ FIÃO, José Antônio do Vale Caldre e. *A divina pastora*. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 213-217.

⁵ Nascido na cidade do Porto em 19 de março de 1852, Rocha Galo viveu desde criança no Brasil, publicando no Rio Grande do Sul a partir de 1874, atuando como jornalista e redator de diversos jornais, como o rio-grandino *Eco do Sul*. Sua morte, em 25 de março de 1890, por afogamento na praia do Cassino, na cidade de Rio Grande (RS), é noticiada nos jornais gaúchos com diversas manifestações em poemas e elogios fúnebres.

Bastante semelhante à estrutura do poema “A noite da minha terra”, João de Lemos publica o seu poema “Lua de Londres” em 1875 e obtém uma grande popularidade, tornando-se um dos marcos do Romantismo português. O eu-lírico desse poema conversa com a lua, que “rompe a custo o plúmbeo céu” de Londres, perguntando se o astro deixou sua beleza na “pátria de meu coração”.

Usando os versos iniciais de Casimiro de Abreu⁶ como epígrafe, Rocha Galo publica seu poema “Minha terra”, preocupando-se principalmente em mostrar que, apesar das diferenças, as naturezas tanto de Portugal como do Brasil são grandiosas.

O primeiro aspecto a destacar-se em relação ao texto-base é o formal, pois ampliam-se as quadras e sextetos para estrofes de oito e dez versos, numa preferência pela redondilha maior, assim como um vocabulário que se destaca pela subjetividade, construindo portanto uma forma bem ao estilo romântico, assim como o poema de Gonçalves Dias.

Os trechos metapoéticos mostram o ímpeto nacionalista como natural ao poeta desgarrado do seu lar, pois a saudade é transformada em poema como forma de mostrar o apego à nação natal durante o exílio, como em Rocha Galo:

*Em paga de teus perfumes
Dou-te a meu pranto sentido
Esse orvalho decaído
Da alma do trovador*

O aspecto mais forte dessa idealização é com certeza o sabiá a cantar na palmeira, construído por Gonçalves Dias e que formou uma brasilidade em torno desses símbolos da fauna e flora nacionais, sendo modificado por Caldre e Fião ao referir-se a Porto Alegre:

*Lá deixaste as baforagens
Da rosa e dos alecrins
Do Cai nas doces margens
Perfumadas de jasmims?*

⁶ ABREU, Casimiro de. *Minha terra. As primaveras*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. p. 19-23.

Para opor-se a esta corrente construída pelos autores brasileiros, Rocha Galo mostra que não há em Portugal sabiá ou palmeira, mas que há sim um "saudoso rouxinol" que "suspira canções divinas", equilibrando as belezas existentes nas naturezas luso-brasileira:

*O sabiá, esse enlevo
Da palmeira que flutua,
Que geme ao palor da lua
E canta ao nascer do sol,
Lá não há; porém em troca
Nos seus vergéis e campinas
Suspira canções divinas
O saudoso rouxinol.*

De forma semelhante, João de Lemos também usa o rouxinol como símbolo da fauna portuguesa, ao mostrar que a lua teria deixado o brilho “nos montes de Portugal”, descrevendo a natureza de forma idealizada por motivos divinos:

*Lá onde Deus concedera
Que em noite de primavera
Se escutasse o rouxinol*

Se Gonçalves Dias foi bastante indireto ao referir-se à terra natal e à terra do exílio, apresentando-as somente por "lá" e "cá", os outros poetas não tomaram a mesma direção, nomeando explicitamente a terra natal e a do exílio, demonstrando que a necessidade de afirmação dos países dá-se principalmente pela necessidade de descrição detalhada ao narrar as belezas da terra de origem, seja a cidade de Porto Alegre – "Viste elegante a Matriz/ Da minha cidade" –, seja a terra lusitana dos outros sujeitos líricos, como no de “Minha terra”, de Rocha Galo:

*Portugal é minha terra,
O berço de minha infância,
Onde as flores dão fragrância
Sob um céu da cor de anil;
Tem penedias gigantes
Em que serpeia a cascata
E as suas noites de prata*

São iguais às do Brasil.

Através da nomeação feita, nota-se que a qualificação dada aos locais descritos serve como divisor da perspectiva dos sujeitos líricos, inclusive com reconhecimento no poema de Rocha Galo de que o seu ponto de vista – assim como os outros cancioneiros – é influenciado pela saudade:

*A minha pátria é mais linda:
Tudo ali canta e suspira,
Se é verdade ou mentira
A saudade é que m’ diz.*

e de que as "noites de prata" portuguesas "são iguais às do Brasil". Essa equivalência entre países não ocorre nos outros poemas, pois mesmo Gonçalves Dias mostra que as aves do exílio não conseguem gorjear tão belamente como as de sua terra natal, reforçando que sua brasilidade é fortemente idealizadora.

Numa linha argumentativa equivalente, tanto Caldre e Fião, como João de Lemos desqualificam, respectivamente, a noite de Niterói e a lua de Londres para reforçar a idealização de suas terras natalícias:

*Aqui de nuvens coberta
Não dás o menor prazer,
Não há uma flor aberta
Que perfuma o teu viver.
Na Niterói decantada
Sempre triste te encontrei!*

*Quem foi ao meu pátria Douro,
Sobre a fina areia de ouro,
Raios de prata espargir,
Não pode amar outra terra,
Nem sob o céu de Inglaterra
Doces sorrisos sorrir.*

Essa identificação com a natureza que seria característica da terra natal é tanta que os sujeitos líricos desses poemas atribuem sua dor aos elementos da natureza – noite e lua, respectivamente – com que eles dialogam, conforme as estrofes seguintes:

*Como é que nestes ardores
Podes viçosa existir!
Para os meus e teus amores
Vamos sozinhos fugir?
Oh, que vamos! Eu bem sei
Que vais lá graças ganhar,
E eu alegre saudar
A terra que tanto amei.*

*Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor;
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto;
Aqui triste e sem clarão;
Eu lá sinto-me contente,
E aqui lembrança pungente
Faz-me negro o coração.*

Dessa forma, os sentimentos dos sujeitos líricos são transferidos para seus interlocutores, antropomorfizando-os com o nacionalismo de cada poeta.

As estrofes finais dos quatro poemas também possuem traços semelhantes, pois o pedido a Deus feito pelo eu-lírico da "Canção do exílio" é repetido no poema de Rocha Galo, que também finaliza com um pedido ao "Senhor" para que dê a chance de "respirar nos ares/ do meu velho Portugal", demonstrando que a saudade da terra de sua infância é maior do que a consciência de que as terras brasileira e portuguesa têm belezas semelhantes:

*Dai, Senhor, que o peregrino,
Sacudindo o pó da estrada,
Vá repousar da jornada
Sob seu teto natal,
Que deixando meu exílio
Onde me ralam pesares,
Eu vá respirar nos ares*

Do meu velho Portugal.

Já os sujeitos líricos dos poemas de Caldre e Fião e de João de Lemos não solicitam uma ajuda para um abstrato divino, mas sim para seus respectivos interlocutores, mostrando que tanto a noite e o gaúcho como a lua e o bardo português são tristes nos locais que estão, reforçando a diferença entre o “aqui” e o “lá”:

*Aqui estás triste em degredo,
E lá tens a cor do céu!
Daqui me leva em segredo
Embrulhado no teu véu,
Que o não saibam estas gentes
Senão quando eu lá me achar,
Pois nem eu nem tu estar
Podemos aqui contentes.*

*Eia, pois, oh astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Leva-me, oh lua, contigo,
Preso num raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quais Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do céu inglês.*

A impassibilidade na ação de retorno à terra natal fica evidente nessas estrofes finais, em que os sujeitos líricos demonstram-se como desejosos de retorno, mas nada fazem de objetivo para isso o exílio termine, deslocando a iniciativa da ação para o abstrato e deixando permanente a possibilidade remota de retorno num futuro incerto.

A semelhança em todos os textos citados é a idealização - em grau maior ou menor - da terra natal por um eu-lírico que se encontra exilado, demonstrando a oposição entre o presente numa terra "estrangeira" e o passado glorioso na terra natal, em um tom nacionalista predominante durante a escola romântica e grande parte do século XIX, ficando evidente, dessa forma, que os sujeitos líricos dos poemas analisados formam um leque intertextual em relação ao

poema "Canção do exílio", e que - apesar das diferentes origens de seus autores - todos mantêm o mesmo ponto de vista: defender a terra natal durante seu "exílio" em terra estrangeira de um ponto de vista extremamente idealizador.

Anexo
"Minha terra"⁷

*Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha*
Casimiro de Abreu

I

Portugal é minha terra,
O berço de minha infância,
Onde as flores dão fragrância
Sob um céu da cor de anil;
Tem penedias gigantes
Em que serpeia a cascata
E as suas noites de prata
São iguais às do Brasil.

II

O sabiá, esse enlevo
Da palmeira que flutua,
Que geme ao palor da lua
E canta ao nascer do sol,
Lá não há; porém em troca

⁷ GALO, José Antônio da Rocha. Minha terra. *Eco do Sul*. Jornal político, comercial e instrutivo. Rio Grande, n° 50, p. 1, 03 de março, 1874.

Nos seus vergéis e campinas

Suspira canções divinas

O saudoso rouxinol.

III

Pelas horas do repouso

Na rama dos arvoredos

As brisas dizem segredos,

As aves falam de amor;

E aos pés do velho olmeiro

A fonte chora queixumes;

Cintilam fulgentes lumes

Em cada fronte de flor.

IV

Os seus bosques verdejantes,

As suas balsas e montes;

O gemer de suas fontes,

Que melodias não têm!...

A minha terra é sultana

Sempre bela e donairosa,

Que passa por mais formosa

Entre essas terras d'além.

V

Da princesa americana
Na soberba natureza
Não encontro mais beleza
Que lá, na do meu país,
A minha pátria é mais linda:
Tudo ali canta e suspira,
Se é verdade ou mentira
A saudade é que m’ diz.

VI

Tenho saudades de tudo
Do meu lar hospitaleiro,
Té da sombra do pinheiro
A que brincava criança.
Ai! Esse tempo volveu-se
Com a página querida
Em que luz, amor e vida
Nuns risos de esperança.

VII

Essa época da vida
Fica impressa na memória
— Fragmento duma história

Escrita nos corações.

E a saudade que dói

No seio de quem almeja

É uma flor que viceja

Em todas as estações.

VIII

Bem hajas flor que me alentas

Com um raio de esperança

E transformas em bonança

A tempestade da dor.

Em paga de teus perfumes

Dou-te o meu pranto sentido

Esse orvalho decaído

Da alma do trovador.

IX

Dai, Senhor, que o peregrino,

Sacudindo o pó da estrada,

Vá repousar da jornada

Sob seu teto natal,

Que deixando meu exílio

Onde me ralam pesares,

Eu vá respirar nos ares

Do meu velho Portugal.